

A discursividade da “NÃO IDEOLOGIA” no texto de posse de JAIR BOLSONARO
The discursivity of “NON IDEOLOGY” in JAIR BOLSONARO'S post text

Ana Cláudia Martins de Oliveira¹
Maria Deusa Brito de Sousa Apinagé²

Recebido em: 29/10/2019

Aprovado em: 13/04/2020

Publicado em: 30/06/2020

Resumo: Neste artigo, analisamos recortes do texto de posse de Jair Bolsonaro, proferido em 2019, procurando compreender as discursividades nele materializadas, buscando o funcionamento discursivo que ancora os dizeres que constituem tal materialidade. No texto de posse, o locutor polariza a questão da ideologia, almejando produzir efeito de que seus dizeres se comprometem com a “verdade” plena e absoluta. Para esse investimento analítico, apresentamos uma discussão a respeito do conceito de ideologia a partir de Althusser e de Pêcheux, refletindo sobre a discursividade da ‘não-ideologia’ em funcionamento no discurso em análise. O método de análise segue os princípios da Análise de Discurso de base francesa, perspectiva para a qual os processos que constituem a linguagem são histórico-sociais e, por isso, o discurso é visto como efeito de sentido entre interlocutores. As nossas análises serão globais e locais acerca do discurso em questão. Nesse procedimento de análise, é possível a identificação de formações discursivas e ideológicas que apontam para um viés ideológico de extrema direita, recorrentes nos pronunciamentos de Jair Bolsonaro, que se se constrói como uma posição-sujeito, cujos dizeres se pretendem não-ideológicos.

Palavras-chave: Ideologia; Texto de posse; Funcionamento discursivo.

Abstract: In this article, we analyze excerpts of the text by Jair Bolsonaro, given in 2019, seeking to understand the discursivities materialized in it, seeking the discursive functioning that anchors the sayings that constitute such materiality. In the inaugural text, the speaker polarizes the question of ideology, aiming to produce the effect that his words commit to the full and absolute "truth". For this analytical investment, we present a discussion about the concept of ideology from Althusser and Pêcheux, reflecting on the discursiveness of 'non-ideology' at work in the discourse on screen. The method of analysis follows the principles of French-based Discourse Analysis, from which the processes that constitute language are historical-social and, therefore, discourse is seen as a meaning effect among interlocutors. Our analyzes will be global and local about the speech in question. In this procedure of analysis, it is possible to identify discursive and ideological formations that point to an extreme right ideological bias, recurrent in the pronouncements of Jair Bolsonaro, which is built as a subject position, whose statements are intended to be non-ideological.

Keywords: Ideology; Possession text; Discursive functioning.

1. Doutoranda em Letras. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Especialista em Formação de Formadores pela UnB. Graduada em Letras. Professora da educação básica - Secretaria de Estado da Educação. ORCID: 0000-0002-4570-2247 E-mail: acmartins2008@gmail.com

2. Graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Atualmente é professora - Secretaria da Educação e Cultura. ORCID: 0000-0002-5119-1383 E-mail: deusa.gui@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, apresentamos nossa análise a partir do conceito de ideologia com base nas abordagens de Louis Althusser ([1969]1985) e de Michel Pêcheux ([1975] 1995, 1997). Das investigações desenvolvidas por Althusser, mobilizaremos seus postulados presentes em *Aparelhos Ideológicos de Estado* ([1969] 1985). Destacamos que, neste trabalho, o referido autor trata mais, centralmente, de ideologia, não destacando o discurso. Contudo, apresenta o conceito de ideologia, que muito influenciou a compreensão de Pêcheux (1975) sobre essa temática, levando-o a estabelecer teses a respeito da teoria materialista do discurso.

De Pêcheux, será apresentada sua concepção sobre ideologia, em especial a contida em *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas* ([1975] 1997), livro escrito em coautoria com Catherine Fuchs, bem como *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1995).

Consideramos importante destacar que a teoria de Althusser (1969) sobre ideologia tinha como fim uma releitura da teoria Marxista. Mesmo mencionando que a língua é uma das modalidades da existência da ideologia, ele não relacionou a linguística e a ideologia, sendo, porém, a partir dessa não relação que Michel Pêcheux ([1975] 1995, 1997) centrou sua pesquisa, fazendo, portanto, a referida relação. Além disso, percebemos que, para Althusser (1969), o processo de interpelação ideológica a que os sujeitos são submetidos constitui, fundamentalmente, a sua teoria da ideologia, dando complementariedade mais tarde à teoria de ideologia defendida por Pêcheux (1975).

Mas, qual o objetivo de trazer os postulados dos dois autores citados? O objetivo é contrapor o discurso do presidente Jair Bolsonaro, a respeito da ideologia, com o conceito de ideologia teorizado por Althusser (1969) e Pêcheux (1975), uma vez que, no discurso do presidente, é destacado sempre que a ideologia é um dos maiores males da sociedade brasileira, muito maior que o da corrupção. Para ele, esses dois males devem ser combatidos pelo e no atual governo. É possível governar sem se inscrever em alguma ideologia, como o presidente, pretensamente, profere em seu discurso de forma constante? Conforme Althusser (1969) e Pêcheux (1975), porém, não há essa possibilidade. O sujeito é sempre interpelado por uma ideologia.

Para a análise que construímos neste texto, escolhemos um enunciado, proferido por Jair Bolsonaro no dia da sua posse, após receber a faixa presidencial. Eis, textualmente o enunciado: “não se pode deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas

famílias, alicerces da nossa sociedade”. Escolhemos este enunciado pelo interesse em evidenciar a ideologia no discurso da não-ideologia proferido pelo presidente. A Análise de Discurso (AD) de linha francesa é a linha norteadora desse estudo, cuja análise busca identificar a ideologia na qual o enunciador se inscreve, a partir de sua discursividade.

Ideologia pelo olhar de LOUIS ALTHUSSER E DE MICHEL PÊCHEUX

Althusser ([1969]1985) defende que a ideologia está no campo do imaginário, fazendo a intermediação da relação das pessoas com suas condições de existência. O autor busca traçar sua teoria a partir da concepção marxista, logo, para ele, os sujeitos percebem-se livres e com condições de alcançar posições mais altas na hierarquia social, devido à produção econômica e à ideologia. Todavia, estes mesmos sujeitos não se dão conta de que o sistema capitalista os limita socialmente, levando-os a ocupar uma determinada função nas relações de produção ou de exploração (ALTHUSSER, ([1969]1985).

Assim, a concepção de ideologia encontra-se, intrinsecamente, relacionada à de sujeito, sendo tal fato demonstrado por meio de dois pontos basilares na pesquisa dele, quais sejam: “só há prática através de e sob uma ideologia”; “só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”, as quais levam à formulação central da sua teoria: “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, [1969] 1985, p. 93).

O conceito do autor para ideologia demanda que o processo de interpelação ideológica produza duas evidências: a do sujeito e a do sentido, pois afirma que a categoria de sujeito é uma “evidência” primeira; a evidência de que você e eu somos sujeitos, sendo este um efeito ideológico elementar (ALTHUSSER, [1969] 1985, p. 94).

Percebemos então, que a ideologia funciona como produtora de evidências, que, de tão discretas, fazem com que o sujeito não tenha a percepção de que é afetado pelo “reconhecimento ideológico”, desencadeando sujeitos que se acreditam “concretos, individuais, inconfundíveis e (obviamente) insubstituíveis” (ALTHUSSER, [1969] 1985, p. 95). Tal efeito é provocado pela ideologia, sendo tão arraigado que esses sujeitos não desconfiam que são, continuamente, afetados pelo processo de interpelação ao qual estão submetidos.

Os postulados de Althusser (1969) apregoam, a partir da teoria das evidências, em especial, como citamos anteriormente, sobre a evidência primeira e o efeito ideológico elementar contido nela, que os discursos não estão imunes à ideologia. Ela sempre os determina e determina a todos (ALTHUSSER, [1969] 1985, p. 94).

O autor, inclusive, apresenta uma crítica àqueles que desconhecem o “jogo dos efeitos ideológicos em todos os discursos” (ALTHUSSER, [1969] 1985, p. 94), com ênfase nos discursos científicos, uma vez que, em sua concepção, um autor escreve um discurso que se pretende científico, tanto o sujeito escritor quanto o sujeito leitor estão afetados pela ideologia, não existindo, assim, “um sujeito da ciência, a não ser em uma ideologia da ciência” (ALTHUSSER, [1969] 1985, p. 94).

Para compreendermos melhor as premissas teóricas desenvolvidas por Michel Pêcheux (1975), nosso segundo apoio teórico para a discussão que problematiza nosso objeto de análise, necessitamos, ainda, compreender o que Althusser (1969) defende como ideologia, a partir dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Tais teorias foram baseadas na teoria marxista do Aparelho de Estado (AE). Por ora e para este trabalho, é isso que nos interessa.

Após apresentar sua teoria sobre a diferença entre o AE e os AIE, Althusser (1969) arremata tudo com uma afirmação simples e direta: “ O que distingue os AIE do Aparelho (repressivo) de Estado, é a diferença fundamental seguinte: o Aparelho repressivo de Estado ‘funciona pela violência’, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam ‘pela ideologia’” (ALTHUSSER, [1969]1985, p. 46).

Ao longo da obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* o autor apresenta sua teoria. Em sua concepção, cada AIE é a concretização de uma ideologia (religiosa, moral, jurídica, política, dentre outras). Ele continua a sua explanação, afirmando que a coesão dessas diversas “ideologias regionais” é “assegurada pela subsunção à ideologia dominante”, e retoma tal postulado, afirmando que “uma ideologia existe, sempre num aparelho e na sua prática ou práticas. Esta existência é material” (ALTHUSSER, [1969]1985, p. 84-85).

O sujeito, a partir dessa concepção teórica, é conduzido pelo aparelho ideológico no qual ele existe, produzindo este ou aquele comportamento, conforme as práticas reguladas pelo AIE que o referido sujeito escolheu, interpelado pela ideologia, acredita agir de forma “livre e consciente” (ALTHUSSER, [1969]1985, p. 86).

Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997) formulam as bases da teoria materialista do discurso, a partir do que Althusser (1969) preconizou em seus estudos, fazendo um resgate e uma retomada das teorias althusserianas. No texto *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas* ([1975] 1997), eles fundamentaram a AD de linha francesa, interligando, pelo viés do materialismo histórico de Marx, a ideologia de Althusser, e; a língua, pela inserção da linguística moderna de Saussure. Esses três

campos epistemológicos, são articulados à Psicanálise, surgindo o sujeito atravessado pelo inconsciente.

Uma vez apresentada a concepção de ideologia de Althusser (1969), vamos enveredar pelos caminhos da concepção de ideologia de Pêcheux e Fuchs (1969[1975]). Para construírem a referida concepção, os autores buscam no materialismo histórico, a relação de superestrutura ideológica e o modo de produção dominante em uma determinada formação social.

Eles não afiançam, mesmo buscando no materialismo histórico, a base da construção de seu conceito sobre ideologia, é em Althusser (1969) que eles se alicerçam e caracterizam a ideologia como uma instância assinalada por “uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica” (PÊCHEUX E FUCHS, [1975] 1997, p.165). Argumentam que essa articulação é uma das condições não-econômicas de reprodução das relações de produção existentes (PÊCHEUX E FUCHS, [1975] 1997, p. 165).

Nesse momento, esses teóricos introduzem o que é denominado de ‘assujeitamento’, que é o funcionamento da instância ideológica, no que se refere à reprodução das relações de produção (PÊCHEUX E FUCHS, [1975] 1997, p.166). Essa ‘interpelação’ do indivíduo em sujeito ideológico o conduz, sem este se dar conta, à impressão de ser sujeito livre, exercendo sua vontade, ocupando o seu lugar em uma das duas classes sociais antagonistas do modo de produção, criando, assim, o termo ‘assujeitamento’, que nada mais é do que o sujeito interpelado em ideologia.

Para compreendermos melhor a ideologia na teoria da Análise de Discurso, precisamos compreender, também, as noções de formação ideológica e de formação discursiva, que em Althusser ([1969] 1985) são tratadas como materialidades da ideologia. Para ele, é representada por diferentes modalidades, dentre elas “um discurso verbal interno (a consciência)” ou “um discurso verbal externo”, (PÊCHEUX E FUCHS, [1975] 1997, p.92) prenunciando, assim, que o discurso era uma das formas de realização do ideológico. Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997) partem dessa concepção de Althusser (1969), reconsiderando-a, relacionando-a e apresentando, assim, as noções de formação ideológica e formação discursiva, as quais serão explicitadas a seguir.

Os referidos autores destacam que, para Althusser ([1969] 1985), os AIE são lugares em que se dão o confronto das classes. Assinalam que as posições ideológicas em confronto nesse embate, organizam-se em formações denominadas formações ideológicas, as quais mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação (ALTHUSSER, [1969]1985).

Eles compreendem a *formação ideológica* como um elemento suscetível de intervir em uma força em confronto com outra força “na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento”, sendo assim, “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais e nem universais”, mas que, contudo, “se relacionam mais ou menos diretamente em *posições de classes* em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997, p. 166) [grifos dos autores].

Por fim, Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997) corroboram com a teoria de Althusser, aqui escutando que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”. Continuam afirmando que a ideologia nunca se realiza “em geral”, mas sempre por meio de “um conjunto complexo determinado de formações ideológicas que desempenham no interior deste conjunto” e “em cada fase histórica da luta de classes” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997, p. 167).

Essa luta torna-se desigual a partir da “reprodução e na transformação das relações de reprodução”. Os autores utilizam, como exemplo, para caracterizar essa desigualdade “regional”, o Direito, a Moral, o Conhecimento, Deus etc., cada uma dessas instâncias tem suas formações discursivas que, por conseguinte, intervêm nas formações ideológicas (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997, p.167).

Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997) exemplificam a formação discursiva intervindo na ideológica da seguinte forma: “a formação ideológica religiosa constitui, no modo de produção feudal, a forma da ideologia dominante; ela realiza a *interpelação dos indivíduos em sujeitos*” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997, p. 167), por meio “do Aparelho Ideológico do Estado religioso e ‘especializado’ nas relações de Deus com os homens, sujeitos de Deus, na forma específica das cerimônias (batismos, casamentos e enterros etc)” que, sob a figura da religião passa a intervir, “em realidade, nas relações jurídicas e na produção econômica, ou seja, no próprio interior das relações de produção feudal” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997, p. 167) [grifos dos autores].

Diversas formações discursivas intervêm, de forma mais específica, na relação destas relações ideológicas. Continuando com o exemplo anterior, para melhor clarificar a compreensão sobre essas influências, vamos colocar, conforme o exemplo dos autores, lado a lado, “enquanto hipótese histórica” a ser checada, uma pregação religiosa camponesa “reproduzida pelo Baixo-Clero” e sermão para o Alto-Clero, para “os grandes da nobreza” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997, p. 167).

São duas formações discursivas que nós temos: de um lado, uma formação discursiva subordinada à outra, tratando da mesma coisa, mas de formas diferentes. Em

OLIVEIRA; A.C.M.; APINAGÉ, M.D.B.S.

que a primeira vai tratar de temas relacionados à “pobreza, morte, submissão, dentre outros”, e a segunda tratará da “submissão do povo aos grandes e a submissão dos grandes a Deus”. Como formas diferentes de tratar a mesma coisa, eles exemplificam que “as coisas” de um e outro são o trabalho da terra *versus* o destino dos grandes (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997, p. 167).

Mobilizar os conceitos de formação ideológica e formação discursiva não apenas traz esclarecimentos à forma pela qual ideologia e discurso se ligam, como, também, demonstra que o discurso, pelo olhar da Análise de Discurso, sempre estará intrinsecamente ligada a alguma formação discursiva que, conseqüentemente, está inserida a alguma formação ideológica, ou seja “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2007 *apud*. PÊCHEUX, 1975, p 17).

Isso posto, vamos apresentar a seguir, percursos para estabelecer sentidos possíveis do enunciado de Jair Bolsonaro, no dia da posse.

A discursividade da “NÃO IDEOLOGIA” no texto de posse de JAIR BOLSONARO

Como vimos anteriormente, a ideologia, na concepção tanto de Althusser ([1969] 1985) quanto de Pêcheux e Fuchs ([1975]1997), as teorias não são antagônicas. Pêcheux mobiliza a teoria da Ideologia de Althusser em suas pesquisas, afirmando que o sujeito é interpelado pela ideologia. Devemos, assim, na Análise de Discurso francesa, considerar a ideologia e o discurso como instâncias específicas, que estão, intrinsecamente, interligadas, mas que não se confundem, sendo que a ideologia “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI,1999, p.46), na medida em que, diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretar, a buscar o sentido das palavras e das coisas.

Nesse sentido, e baseado nesses autores e em seus conceitos, passamos a analisar a discursividade da “não ideologia” presente no texto de posse de Jair Bolsonaro. Partindo do pressuposto de que não há sujeito sem ideologia e nem ideologia sem sujeito, analisaremos as discursividades presentes nos pronunciamentos do presidente brasileiro, a partir do recorte (fragmento do texto lido na posse): “não se pode deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce da nossa sociedade”.

Ao olhar esse enunciado, alguns questionamentos vêm à mente, entre eles: quem são ou o que são essas ideologias nefastas? Quais os valores e as tradições que o presidente está defendendo? Qual a representação de família que há no imaginário dele?

Ao proferir seu discurso, o presidente Jair Bolsonaro pode ter deixado explícita a discursividade na qual se inscreve, denunciando a seus interlocutores, sem disso se dar conta, que o seu discurso de não-ideologia é altamente ideológico, uma vez que não há ideologia sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Vamos tecer as nossas considerações, ao longo desta análise, pautadas nas teorizações da Análise de Discurso de linha francesa. Conforme o aporte teórico, ao qual nos filiamos, a linguagem é heterogênea e opaca, ou seja, a linguagem não é transparente.

Orlandi (2005) afirma que, para a AD, interessa compreender os efeitos de sentidos produzidos por objetos simbólicos, em outras palavras, como eles significam. Os possíveis engendramentos semânticos, a partir da nossa filiação teórica, não se esvaziam. Dessa forma, sabemos que há falhas, deslocamentos, rupturas, ou seja, há várias possibilidades de sentido.

A partir dessa lógica, voltemos nosso olhar ao texto a ser analisado. No enunciado, o presidente Jair Bolsonaro indicia algumas questões ideológicas, presentes no imaginário do brasileiro que o elegeu. Vamos começar pelo que está na perspectiva do dizível no enunciado a seguir: “não se pode deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros”. Temos que, a partir da análise semântica de “não se pode deixar”, o verbo **poder** ou é modal ou é auxiliar e pode significar capacidade, possibilidade ou permissão.

O recorte ‘não se pode deixar’ nos possibilita uma análise semântica, a partir do uso do advérbio de negação, **não**, junto à locução verbal, no sentido de uma proibição. Outro engendramento possível é a partir do verbo **deixar**, que, também, tem sentido de ‘dar autorização para’, ‘permitir’, ou seja, ao usar dois verbos com significância de permissão, autorização, posterior ao advérbio de negação, o presidente está aludindo à proibição da ideologia, designada por ele como nefasta. O não dito pelo presidente pode ser interpretado da seguinte forma: “é/está proibida a ideologia nefasta de dividir o brasileiro”.

No português brasileiro, “nefasto” é um adjetivo masculino, que significa algo de mau agouro, que provoca desgraça, ou que se refere a um período de luto e de tristeza. A palavra se origina do latim *nefastus*, na Roma antiga era utilizado para os chamados *dies nefastus*, em que o tribunal era fechado e era proibido e considerado ilegal qualquer atividade jurídica nesse dia. Na contemporaneidade, a palavra “nefasto” está sempre associada com as trevas ou a algo que é mau.

Ou seja, ao escolher a expressão ‘ideologia nefasta’, o efeito de sentido criado na esfera do não dito está para uma ideologia de morte, de destruição, de desgraças,

OLIVEIRA; A.C.M.; APINAGÉ, M.D.B.S.

deixando claro que Bolsonaro associa o vocábulo “ideologia” ao pensamento de esquerda brasileiro, do qual ele é opositor, criando, no imaginário de seus seguidores, que quem defender o “marxismo cultural”, apregoado pela esquerda, está defendendo a destruição, a desgraça da sociedade brasileira, está defendendo a disseminação do mau.

Pode se inferir aqui que o sentido de ideologia de Bolsonaro é o do senso comum, noção pela qual existiria a ideologia boa e a ideologia ruim, que o sujeito, consciente, escolheria adotar, independentemente de suas condições de vida, de sua classe social, de suas lutas e da relação de poder nas quais este está inserido.

Como Althusser ([1969] 1985, p. 96) afirmou, e já citamos anteriormente, as evidências provocadas pela ideologia são tão discretas, fazendo com que o sujeito não perceba a interpelação contínua que ela provoca, sendo o sujeito afetado pelo “reconhecimento ideológico”. Podemos dizer, assim, que é justamente esse reconhecimento ideológico que faz com que a população com pensamento conservador e de extrema direita apoiem o presidente.

Para efeito de análise e do objetivo proposto, podemos levantar a hipótese de que Bolsonaro é de extrema direita, sendo essa a ideologia na qual se inscreve, cujo processo lhe parece natural e sem conflitos. A extrema direita defende a tradição, um estado patriarcal, desdenha o igualitarismo, são opositores ao socialismo, defende o conservadorismo social e a supremacia de grupos considerados superiores (MESSEMBERG, 2017).

O sentido dado, então, por Bolsonaro, em seu discurso, é de alguém que tem uma ideologia, exprimindo, mesmo “sem saber”, uma ideologia de extrema direita, que é contra os princípios básicos da democracia brasileira, regime, aliás, que, por ser (ou se pretender afirmar-se como democrático) permitiu que fosse eleito.

O recorte que trazemos, a seguir, para a segunda parte da análise, pode ajudar a explicar a ideologia defendida por Jair Bolsonaro. Na segunda parte, ele afirma: “Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce da nossa sociedade”. Althusser ([1969]1985) afirma que é a relação dos homens com as condições de existência que faz com que eles se representem, ideologicamente, sendo essa relação a causa que possibilita a “deformação imaginária e a representação ideológica do mundo real” (ALTUSSER, [1969]1985, p.81).

É exatamente nessa relação que está contida a causa pela qual Bolsonaro ataca as ideologias que não representam aquela na qual ele se inscreve, expressando, assim, em seu discurso, a relação que ele mantém com suas condições de existência, sendo desse modo, interpelado, constantemente, enquanto sujeito pela ideologia. Por essa

OLIVEIRA; A.C.M.; APINAGÉ, M.D.B.S.

relação com as condições de existência é que podemos inferir que ele é de extrema direita e que defende seus “valores”. Retomamos, neste ponto, a segunda parte do enunciado a ser analisado: “Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce da nossa sociedade”

Vamos inverter as posições. Começamos pelo sentido de família, para, depois, tratarmos de valores e de tradições, que está, intrinsecamente, ligado à compreensão de família, no imaginário bolsonariano. Família, na concepção da extrema direita, está pautada no modelo de autoridade/dominação do homem sobre seu núcleo familiar, sendo sua essência tradicional: o pai, a mãe e os filhos (MOREIRA, 2017). É esse o modelo de família que Bolsonaro defende, por isso, ele enuncia que “não podemos deixar que as ideologias nefastas destruam nossas famílias”.

Nessa perspectiva, é consenso dizer que a família é o núcleo responsável por grande parte da construção das nossas crenças, comportamentos e, inclusive, identidade. Por isso, uma possibilidade de efeito de sentido possibilitado por esse enunciado é de uma família tradicional (pai, mãe e filhos), constituindo, nessa medida, o modelo que a “ideologia nefasta” está destruindo, o que leva ao ataque ao outro modelo de família, que será, sempre, atacado por Bolsonaro, sendo essa uma prática constante dele em seus pronunciamentos.

No campo do não dito, o discurso do presidente manifesta um ataque ao outro modelo de família que não seja a tradicional, em que os valores e as crenças defendidos por esse modelo sejam também destruídos.

Outro efeito de sentido que está no campo do não dito é que essa família, valores e tradições defendidos por Bolsonaro representam a naturalização do domínio masculino, aquele que supre as necessidades materiais da família, e a mulher é aquela que está voltada para a administração do lar, afastando-a de qualquer atividade pública, configurando uma espécie de escravidão doméstica, aumentando a desigualdade social entre os sexos (ENGELS, 2012).

As práticas discursivas nas quais Bolsonaro se inscreve corroboram a visão de que ele pertence à ala política da extrema direita, destacando, assim, na esfera do indizível, que, em seu imaginário ideológico, ‘família’ é heterossexual, composta por um homem, que sustenta a casa, uma mulher submissa e filhos que seguem o mesmo modelo familiar patriarcal, manifestando, dessa forma, o pensamento conservador e de extrema direita do Presidente Brasileiro.

O governo Bolsonaro encontrou as condições ideológicas necessárias para ressoar o seu pensamento ideológico, o que leva parte da população a se identificar com esse

OLIVEIRA; A.C.M.; APINAGÉ, M.D.B.S.

discurso. Sobre as referidas condições, Pêcheux (1996) salienta que estas ocorrem a partir da reprodução/transformação das relações de produção, e continua salientando que tais condições são “constituídas em um dado momento histórico, numa dada formação social pelo complexo conjunto dos AIE” (PÊCHEUX, 1996, p. 142). Esse dado momento histórico e a formação social tornaram o ambiente favorável e encontraram um País dividido, em uma luta de classes pétrea e ideológica.

Essa luta de classes é justificada a partir do método de análise desenvolvido por Pêcheux, uma vez que ele não separa como categoria estrutura e acontecimento, “relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso” (ORLANDI, 2005, p. 11). O interdiscurso é revelado por meio de uma Formação Discursiva dada, os quais constituem o sujeito e produzem o assujeitamento, por meio do já-dito.

O interdiscurso possibilita, a partir do conceito apresentado, que os sujeitos se filiem a um saber discursivo não aprendido, mas que produzem seus efeitos por meio da ideologia e do inconsciente.

Em AD, tudo está intrinsecamente ligado, pois o interdiscurso, por sua vez, é articulado ao complexo das formações ideológicas representadas pelas formações discursivas que, por seu turno, são representadas pelos enunciados discursivos, ou seja, algo significa antes, em outro lugar e independentemente (ORLANDI, 2005).

As formações discursivas são, por sua vez, aquilo que pode e deve ser dito pelo sujeito em uma situação e em uma conjuntura dada. Ou seja, o dizer está ligado às suas condições de produção, pois há um vínculo constitutivo ligando o dito à sua exterioridade (ORLANDI, 2005), sendo essa a condição encontrada que fez ressoar os dizeres de Bolsonaro, encontrando as condições ideais para essa luta de classes pétrea e ideológica, citada anteriormente.

Por esse motivo, encontramos uma representação de uma luta de classes na discursivização de Bolsonaro sobre ideologia, cujo discurso, encontra ressonância nas famílias brasileiras tradicionais e no aparelho ideológico da religião, que defendem a manutenção de uma família cristã heterossexual. E, como já ponderava Pêcheux (1996, p. 145), “as ideologias práticas são práticas de classe na ideologia”, práticas essas que são consideradas de luta de classes, sendo essa a luta impetrada por Bolsonaro contra as “ideologias nefastas”.

Em contrapartida, o Aparelho Ideológico Capitalista, preocupado com a perda de seu poder, uma vez que a esquerda brasileira defende o estado da justiça social, apoia o governo Bolsonarista, com o intuito de ver alargado seu poder e também com o intuito de que o viés marxista e a “ideologia nefasta” sejam combatidos.

A disseminação do Aparelho Ideológico Capitalista se dá por meio dos Bancos, Bolsas de Valores, dentre outros, em decorrência do processo de reorganização do modo de produção capitalista. Temos que, aqui, diferenciar as classes para que possamos compreender o Aparelho Ideológico Capitalista, pois há uma diferenciação entre as ideologias por serem representações de diferentes classes (burguesia, pequena burguesia, proletária).

Althusser (1969) observa que, no modo de produção capitalista, as ideologias pequeno-burguesa e proletária são ideologias subordinadas, já que a ideologia burguesa é a predominante, a possibilidade premente de o governo de esquerda voltar ao poder fez com que a classe dominante se unisse em prol de uma figura que representasse o oposto disso, para que as práticas capitalistas se fortalecessem, e essa figura é Jair Bolsonaro.

Ainda, tratando da discursividade da “não ideologia” do Presidente Jair Bolsonaro, podemos contrapor com o *slogan* escolhido por ele para representar o novo governo, o enunciado: “Pátria amada Brasil”, retirado da última estrofe do Hino Nacional Brasileiro, um dos símbolos do país. Pátria amada Brasil tem a representatividade ufanista brasileira. Além de ter o sentido de um povo que ama a pátria, defende seu país (colocar em letra minúscula), o que também se evidencia nos pronunciamentos, ao criar um sentido de resgate do Brasil. Na concepção de Pêcheux (2015) a “guerra ideológica” é um termo recente, que surgiu com o intuito de caracterizar as diversas “operações midiáticas de massa desenvolvidas pela grande burguesia multinacional contra tudo o que resiste a sua política” (PÊCHEUX, 2015).

No que se refere aos sentidos ideológicos que permeiam as propagandas políticas, apresentamos alguns *slogans* de governos anteriores, a partir de Lula, encontrados em Brust (2014, p. 53): “Brasil, país de todos”, de Lula (2003-2010), tem o sentido de unir ricos e pobres, e para a autora é “significativo pela chegada da esquerda no poder”.

Dilma (2011-2014), em seu primeiro mandato, usou o *slogan* “país rico é país sem pobreza”, baseado na distribuição de renda que tem melhorado os indicadores de desigualdade social no Brasil, pois “quando, mesmo que se pense e se invista em programas sociais que tiram da linha de miséria significativa parcela da população, o sistema financeiro continua a manter a sua estrutura e garantir sua fonte de lucros (BRUST, 2014).

No segundo mandato, da Presidenta Dilma (2014-2015), o *slogan* passa a ser “Pátria Educadora”, que gira em torno das prioridades apontadas em seu discurso. Em seu pronunciamento, Dilma apontou desafios que persistem há anos no Brasil, como

OLIVEIRA; A.C.M.; APINAGÉ, M.D.B.S.

a universalização do ensino e a alfabetização na idade certa, e também demandas latentes como a reformulação do ensino médio.

Temer (2015-2018) lança, após a posse, o *slogan*, no intuito de recuperar o país da desorganização política, econômica e social e retomar o crescimento econômico, é a tradução do conceito de Ordem e Progresso. Na concepção dele e equipe, a ideia era criar algo forte, conciso e atual.

Esse movimento de *marketing* é o que alimenta essa guerra ideológica, que permeou e permeia todos os enunciados proferidos pela equipe e pelo próprio Bolsonaro, manifestando, mais uma vez, quer seja pela escolha do *slogan*, quer seja pela enunciação, os sentidos evocados nesses pronunciamentos.

Pode-se evocar que o governo Bolsonaro está fazendo uso do que Pêcheux (2015, p. 90) convencionou chamar de “uma nova fase da política do performativo”, inclusive inaugurando, maciçamente, o uso de mídias sociais e *fake news* na eleição. Demonstrando desde o início a discursividade da “não-ideologia” em suas declarações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, construímos percursos de análise para os posicionamentos do atual presidente brasileiro, quanto à existência de uma discursividade da “não ideologia” presente em seus dizeres. Pontuamos que quando o presidente afirma que “não se pode deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerces da nossa sociedade” as ideologias nefastas, às quais ele se refere, são um ataque ao pensamento da esquerda brasileira, que presa pela justiça social, sendo esse o nicho do seu ataque.

Em sua concepção, essas ideologias nefastas são a “desgraça” da sociedade brasileira, considerando o efeito de sentido a partir das palavras escolhidas para compor seu discurso de posse.

Para Pêcheux (1996, p.145), a “evidência da identidade esconde o fato de que ela é o resultado de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem é externa, não obstante, é-lhe ‘estranhamente familiar’”. A discursividade da não-ideologia de Bolsonaro é a sua identidade. Ele é constantemente interpelado por ela e, por esse motivo, quer destruir o que chama de ‘viés ideológico do marxismo cultural’.

Sendo sempre já sujeito, interpelado pela ideologia, podemos, então, partir para a proposição inicial desse texto, a qual buscava identificar a discursividade presente nos discursos do Presidente Bolsonaro, que ataca outras ideologias contrárias às suas.

Retomando os pressupostos teóricos escolhidos para a efetivação deste texto, no

OLIVEIRA; A.C.M.; APINAGÉ, M.D.B.S.

intuito de caminharmos para o final dessa análise, buscamos em Althusser ([1969] 1985) e em Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997) conceitos a respeito de ideologia. Relembramos que para tais autores o sujeito é interpelado por ela de forma constante e inconsciente, e que, por meio das suas formações discursivas e formações ideológicas, portanto, não se pode imaginar a existências de discursos não ideológicos. Logo, é inconcebível que os posicionamentos de Bolsonaro sejam livres de quaisquer ideologias, mesmo ele apregoando em todas as instâncias que “não se pode deixar que ideologias nefastas destruam as nossas famílias”.

Compreendemos, assim, a partir desse recorte, que família para ele é a patriarcal, heterossexual, composta por homem e mulher, que delega à mulher o papel de “bela e do lar¹”, obediente e submissa ao marido. Sendo essas as crenças e esses os valores que ele defende.

Elencamos, neste trabalho, por nosso gesto de leitura, algumas das possibilidades de sentido no recorte escolhido para análise, a partir do objetivo proposto que seria identificar a/s ideologia/s presente/s no discurso de Jair Bolsonaro, o qual denominamos de “a discursividade da não ideologia”. O processo de leitura-intepretação está pautado na construção destes sentidos, em que o leitor os atribui mediante sua constituição, sua inscrição no histórico e no ideológico.

Ressaltamos, mais uma vez, que as estratégias de *marketing*, que todos os governos utilizam para anestesiar as resistências de massas, perpetuam, por meio da ideologia, na qual o sujeito se inscreve, o assujeitamento do indivíduo, anestesiando e abortando as possibilidades de revoluções.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1985 [1969].

BRUST, Viviane Teresinha Biacchi. **De Língua e de Línguas: slogans políticos e ideologias de governos**. Revista Escrita. Ano 2014. Número 19, p. 48-57. ISSN 1679-6888. Rio de Janeiro

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 3 ed. Tradução de Leandro Konder. p.07-223 São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MESSEMBERG, Débora. *A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros*. Revista Sociedade e Estado – Vol. 32, n.3, p 621-647. Setembro/Dezembro 2017.

¹ Enunciado que circula na sociedade a partir da posse do Presidente Michel Temer, em 2015, e a Revista Veja, em 18/04/2018 publicou em sua versão *online* um perfil de Marcela Temer. <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

OLIVEIRA; A.C.M.; APINAGÉ, M.D.B.S.

MOREIRA, Miguel Ângelo Conceito de família na representação discursiva de adolescentes em situação de rua, *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.4, p. 72-88, jun.2013.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: sentidos e fundamentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso. In: GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997 [1975]. p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (des) conhecimento ideológico. In. ZIZEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. p. 143-152. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Como citar este artigo (ABNT)

OLIVEIRA; A.C.M.; APINAGÉ, M.D.B.S. A discursividade da “NÃO IDEOLOGIA” no texto de posse de JAIR BOLSONARO. SELL, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

Oliveira, A.C.M. & Apinagé, M.D.B.S. A A discursividade da “NÃO IDEOLOGIA” no texto de posse de JAIR BOLSONARO. SELL, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.